

Militares envolvidos em ataque serão punidos, afirma ministro

ATOS GOLPISTAS EM BRASÍLIA

Militares envolvidos no ataque serão punidos, garante Múcio

Conforme o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro Filho, os comandantes das Forças Armadas já concordaram em abrir processos para investigar e punir militares que se insubordinaram, em manifestações em redes sociais, ou que se envolveram nos atos extremistas de 8 de janeiro, em Brasília.

Recentemente, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva havia dito que cobraria providências, a despeito da patente de quem estivesse sob averiguação. Nesta sexta-feira, Lula reuniu-se com os chefes de Marinha, Exército e Aeronáutica no Palácio do Planalto.

– Militares estão cientes e concordam que vamos tomar essas providências (*de investigar e punir envolvidos nos atos golpistas*). Evidentemente, no calor da emoção a gente precisa ter cuidado para que acusações e penas sejam justas – disse Múcio, ao sair da audiência.

Na prática, os comandos já começaram a punir militares da reserva. O Exército informou que abrirá procedimento para apurar a conduta do coronel da reserva José Placídio, que trabalhou no Gabinete de Segurança Institucional (GSI), por exemplo.

Em tom provocativo, ele ofendeu os comandantes e chamava Lula de “ladrão” nas redes sociais. Em uma publicação, escreveu “vem me prender”. Oficiais do Forte Apache dizem que o coronel “passou dos limites” da crítica.

“Os fatos seguem em apuração pelas autoridades competentes. Militares, sejam da ativa ou da reserva, estão sujeitos a todas as prescrições jurídicas previstas na legislação militar vigente”, informou o Centro de Comunicação Social do Exército.

Dispensa

Além disso, outros dois oficiais que participaram do 8 de janeiro perderam cargos que ocupavam. O coronel Adriano Testoni foi indiciado por ofensas a oficiais superiores, ao fim de um inquérito policial militar expresso. Já a Marinha dispensou o capitão de mar e guerra Vilmar José Fortuna dos serviços que prestava na Defesa.

Múcio disse que, com o encontro, Lula buscava recuperar a confiança nas Forças Armadas. Por isso, antecipou uma conversa que planejava fazer em fevereiro e sabe ser de interesse direto dos



Presidente da República (ao centro) esteve com os chefes de Marinha, Exército e Aeronáutica no Palácio do Planalto

militares: recursos para projetos estratégicos. A reunião com os comandantes do Exército, Julio Cesar de Arruda, da Marinha, Marcos Sampaio Olsen, e da Aeronáutica, Marcelo Kanitz Damasceno, ocorreu uma semana depois de o presidente admitir que “perdeu a confiança” em parte dos militares.

– Lula tem consciência, e as Forças Armadas também, da atenção que deu às Forças Armadas. E quis renovar essa confiança. Evidentemente não poderíamos ficar nessa agenda última, temos de pensar para a frente, pacificar esse país e governar – afirmo Múcio.

– Eu queria era virar a página – acrescentou o ministro.

Conforme relato de Múcio, o presidente disse acreditar no trabalho dos comandantes, e garantiu que “todos se indignaram” com a agressão às instituições. E classificou os episódios de politização na tropa como “página virada”.

Para o ministro, não houve envolvimento direto das forças no ataque às sedes dos três poderes. Múcio negou que Lula tenha tratado com os comandantes militares, diante de empresários convidados para o encontro, de punições relacionadas aos atos golpistas.

– Não houve envolvimento direto das Forças Armadas. Agora, se algum elemento individualmente teve participação, ele vai responder como cidadão – disse o ministro.

– Isso está com a Justiça. Esta-

mos aguardando as comprovações para que as providências sejam e serão tomadas – emendou.

O ministro disse que não se arrepende de ter classificado os acampamentos bolsonaristas em frente a quartéis pelo país de “democráticos”. Múcio chegou a admitir que tinha amigos e parentes nessas concentrações. As investigações mostraram que de lá saíram extremistas que planejavam provocar intervenção militar e derrubar o governo Lula, além de tentar explodir uma bomba em Brasília.

– Vim para negociar, e não podia negociar e a priori criar prejulgamento – justificou o ministro.

Múcio também garantiu que as Forças Armadas vão cumprir seu papel em casos de nova tentativa de ataque aos poderes:

– Não tem a menor dúvida de que outro daquele não vai acontecer, porque as Forças Armadas vão se antecipar.

Convidados

Participaram do encontro, a convite de Lula, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Josué Gomes, o ex-presidente da Embraer Defesa e Segurança Jackson Schneider, o ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) Luciano Coutinho, e Benjamin Steinbruch, da Companhia Siderúrgica Nacional

(CSN) e do Grupo Vicunha. Lula ainda convidou o vice-presidente e ministro da Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, e o ministro da Casa Civil, Rui Costa.

Investimentos

A reunião, segundo Múcio, tratou de investimentos na Defesa, e não dos atos golpistas, o que justificaria a presença de empresários e outros convidados.

– Reunião foi para tratar dos investimentos na indústria de defesa do Brasil. Se os senhores me perguntarem se tratamos sobre o dia 8 atos golpistas, nós não tratamos – garantiu Múcio.

Josué, Coutinho e outros presentes teriam proposto soluções de investimentos no setor. Não houve, porém, o fechamento de um valor de investimento necessário ou previsto.

– Precisamos de um mecanismo extraorçamentário – disse Múcio, em aceno ao setor privado.

Em 2007, diante de insatisfação com escassez de recursos e sucateamento, em que a Marinha previa que até 2035 poderia deixar de operar por falta de equipamentos, Lula pediu que comandantes estabelecessem programas estratégicos e apontassem prioridades. De início, foram 39 projetos ao custo estimado de US\$ 53 bilhões, à época. A lista seria enxugada nos anos seguintes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política **Página:** 8